

# Opressão social e violência sexual contra crianças e adolescentes / *Social oppression and sexual violence against children and adolescents*

---

JOSÉ LEON CROCHÍK<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto contém, inicialmente, uma discussão teórica acerca da violência sexual contra crianças e adolescentes à luz de obras de Freud, Adorno e Marcuse. As questões relacionadas aos tabus sexuais, à formação do indivíduo contra a violência e às condições sociais e culturais são formuladas e defendidas como importantes para a compreensão e enfrentamento desse tipo de violência. Na segunda parte, apresentamos alguns dados sobre essa violência na cidade de São Paulo, nos últimos anos, dando ênfase à sua relação com o Índice de Desenvolvimento Humano dos distritos paulistanos onde ocorre esse tipo de violência e com o sexo e a faixa etária das vítimas. Conclui-se que as condições socioeconômicas são um fator importante na determinação da violência sexual contra crianças e adolescentes, mas não o único; sugere-se, além das necessárias mudanças sociais, a possibilidade de formar o indivíduo com sensibilidade para as diferenças e contrário à violência.

**Palavras-Chave:** violência sexual; tabus sexuais; psicanálise, Teoria Crítica da Sociedade

**Abstract:** This text contains, initially, a theoretical discussion about the sexual violence against children and adolescents with base in the workmanships of Freud, Adorno and Marcuse. The questions related to the sexual taboos, the social and cultural formation of the individual against the violence and conditions are formulated and defended as important for the understanding and confrontation of this type of violence. In the second part, we present some data on this violence in the city of São Paulo, in recent years, giving emphasis to its relation with the Index of Human Development of the districts where occur this

---

1 Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e pesquisador do CNPq.

type of violence and with the sex and the age of the victims. One concludes that the socioeconomic conditions are an important factor in the determination of the sexual violence against children and adolescents, but not only it; it is suggested, beyond the necessary social changes, the possibility to form the individual with sensitivity for the differences and the opposite to the violence.

**Keyword:** sexual violence; sexual taboos; psychoanalysis; Critical Theory of the Society.

## Introdução

Na década de 1960, Adorno (1969) indicava o constrangimento de se escrever o mesmo que já foi publicado tempos atrás com mais propriedade. Referia-se aos tabus sexuais, expressos na perseguição às prostitutas, aos homossexuais, aos exibicionistas, como tema e à certa análise freudiana. Esse autor, nesse texto, refletiu sobre esses tabus e sua relação com a legislação.

Se, à época, a sexualidade era livre, e se cada garota que trabalhava poderia ter seu namorado, por que as prostitutas eram perseguidas? Com a liberdade sexual, por que outras formas de manifestação de desejo sexual, como a homossexualidade, eram perseguidas? A resposta do autor foi que a sexualidade fora liberada, a pulsão, não; seu caráter subversivo, obsceno, ainda se mantém sob controle, o pré-prazer substituiu o prazer; passou a se submeter, ainda mais, às regras da saúde e do esporte competitivo. Tal sexualidade ‘sadia’ deve ser entendida à luz do movimento de integração social, que visa acomodar todos os conflitos sem os resolver. Nas palavras do autor (1969, p. 92-93):

*No cabe sino responder que la libertad sexual, en la sociedad actual, no pasa de pura apariencia. Se ha producido en su respecto lo que la sociología, en otro contexto, denomina, con una expresión preferida, una integración; algo semejante a cómo la sociedad burguesa dominó la amenaza del proletariado, al incorporarlo. La sociedad racional, que se*

*funda en el dominio de la naturaleza interna y externa, y que reforma decididamente al difuso principio del placer, como inferior a la moral del trabajo y del principio del dominio, no tiene necesidad de los mandamientos patriarcales de la castidad, la virginidad y la inocencia. El sexo, deformado y modificado, gravado con impuestos y explotado de mil maneras por la industria material y cultural, es digerido, institucionalizado, administrado por la sociedad, de conformidad con su manipulación. Sólo en cuanto está sometido es permitido.*

Assim, não há sexualidade livre em uma sociedade que a tudo integra, ao contrário, essa aparência de liberdade pode servir à opressão. Marcuse (1999), ao estudar a ‘mentalidade alemã’ dos tempos do nazismo, indica que as relações sexuais sem vínculos amorosos faziam parte de estratégia de manter os indivíduos felizes e comprometidos principalmente com a ‘pátria’, a quem seus filhos deveriam ser entregues para, desde o começo, serem criados segundo os valores acalentados naquele momento. Assim, não havia vínculos entre pessoas, ou, quando existiam, eram muito frágeis e a vida podia ser dedicada a um ‘ideal coletivo’; quando isso falhava, havia outros expedientes mais diretos.

Em outro texto, já na década de 1960, Marcuse (1982) descreve a ‘dessublimação repressiva’ que se põe no lugar, como tendência, da sublimação, responsável, segundo Freud (1986), pela criação da cultura, como desvio da libido da meta sexual para objetivos socialmente aprovados. Tal conceito de dessublimação repressiva só é inteligível à luz da sociedade tecnológica. Diz Marcuse (1982, p. 82):

O Princípio do Prazer absorve o Princípio da Realidade; a sexualidade é liberada, (ou antes, liberalizada) sob formas socialmente construtivas. Esta noção implica a existência de formas repressivas de dessublimação, em comparação com as quais os impulsos e objetivos sublimados contêm mais desvio, mais liberdade e mais recusa em observar os tabus sociais. Parece que tal dessublimação repressiva é de fato operante na esfera sexual e que aqui, como na dessubli-

mação da cultura superior, opera como o subproduto dos controles sociais da realidade tecnológica, que amplia a liberdade enquanto intensifica a dominação.

A liberdade sexual, permeada pela dessublimação repressiva, nesse sentido, não é liberdade; torna-se asséptica e inofensiva. Pior do que isso, se Eros – segundo Freud (1986), a força que nos impele a constituir, manter e desenvolver a sociedade e a cultura – é enfraquecido, o indivíduo também o é, no tocante à maior alienação em relação à sociedade. Quanto mais a sociedade tecnológica ou administrada se fortalece, segundo Horkheimer e Adorno (1985), menos são necessários os indivíduos para sua reprodução, o que torna dispensável a formação de indivíduos bem desenvolvidos no que se relaciona à sua consciência e ação; esses passam a ser heterodirigidas pelos partidos políticos, pelos sindicatos, pelos interesses dos mais fortes economicamente que mantêm a indústria cultural, a qual tem forte influência na formação ou pseudoformação dos indivíduos.

Se a satisfação sexual permitida por esta sociedade é limitada por sua associação com a moral, a saúde e o trabalho, a insatisfação é o seu resultado que, por vezes, se resolve na compulsão sexual, uma vez que há o bloqueio dos impulsos sexuais que se encaminham para os outros e para a cultura. A compulsão sexual não precisa de um objeto específico, diferenciado: qualquer objeto e até sua ausência servem para a ilusória satisfação momentânea.

Freud (1993) descreveu o amor civilizado: fusão entre pulsões sexuais e pulsões inibidas em sua finalidade; as primeiras visam à satisfação puramente sexual, as últimas singularizam o objeto de amor, por meio do carinho, da preservação. Com a dessublimação repressiva a conversão de parte da libido em amor não ocorre. Se o objeto de amor não se diferencia, o indivíduo também não. É o mesmo Freud (1943) que, na primeira década do século passado, critica o onanismo, por esse não apresentar nenhuma dificuldade à realização do desejo sexual e, por isso, não possibilitar a distinção entre a fantasia e a realidade, distinção

essa que permite a diferenciação do indivíduo por esse perceber que os objetos, e o mundo, não são o que ele deseja, e que ele próprio não precisa ser o que desejam dele.

Se tabus sexuais foram mantidos apesar da liberalização das relações sexuais, se a relação sexual se reduziu à mera sexualidade, por meio da dessublimação repressiva, a violência sexual pode ser pensada, no nível individual, quer mediante a compulsão sexual enunciada atrás ou pela indiferenciação do objeto do amor; lembrando que na compulsão é o indivíduo que não se diferencia, e, por isso, qualquer objeto pode satisfazê-lo.

A diferenciação individual, segundo Adorno (1972), ocorre com a incorporação da cultura: quanto mais rica for uma cultura, mais diferenciado será o indivíduo; quanto mais a cultura permitir ao indivíduo expressar seus medos, desejos e expectativas, menos ele se voltará para a cultura ou para os outros indivíduos de forma violenta. Em outro texto, Adorno (1995, p. 121) dirá que é pela ausência da consciência que alguns homens golpeiam para todos os lados sem saber o porquê, e que, por isso, não cabe buscar nas vítimas as razões da agressão:

Os culpados não são os assassinados, nem mesmo naquele sentido caricato e sofista que ainda hoje seria do agrado de alguns. Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica.

Antes de ser um problema psicológico, a violência diz respeito à educação em seu sentido pleno que a identifica com a cultura. O autor não está se referindo à violência de Auschwitz, mas a indiferenciação, a insensibilidade com o sofrimento alheio, o ataque aos mais frágeis estão presentes na violência sexual, particularmente quando ela se dirige a

crianças e adolescentes. Se o problema é da educação, isto é, da possibilidade de os indivíduos se diferenciarem por meio da incorporação da cultura, então a crítica à violência sexual deve também ser a crítica a uma sociedade que não permite a constituição de uma cultura rica em possibilidades de expressão das diferenças individuais.

Quando a cultura enfraquece seu caráter metafísico, substituindo a metafísica pelo fetiche da mercadoria (ver HORKHEIMER; ADORNO, 1985), o resultado só pode ser o do declínio da experiência; a metafísica já era forma de veiculação da ideologia, como falsa consciência, mas era verdadeira também no que tange aos ideais da humanidade; no pragmatismo atual, expressado pela ilusão do consumo conspícuo, só restou a falsidade. Não se trata de voltar a fortalecer a metafísica, mas de crítica ao caráter metafísico, ilusório, ideológico, presente no próprio consumismo.

Se a violência sexual contra as crianças e os adolescentes quebra tabus sexuais, à luz da análise acima, essa quebra implica fortalecimento da sociedade que os institui, pois dadas as poucas possibilidades de formação diferenciada, que possibilitaria uma crítica substancial a essa mesma sociedade, facilita sua reprodução. A vida do indivíduo não diferenciado reduz-se à autoconservação, isto é, à reprodução cotidiana que também atua na não diferenciação dos objetos existentes, pois o que pode ir além do imediato – o pensamento e a imaginação – é tolhido.

Crianças e adolescentes vítimas de violência sexual são como uma minoria que atrai o desejo de subjugação por aqueles que, ao temerem a própria fragilidade, a negam mais uma vez, exercendo domínio sobre os demais. Tal é uma explicação dada sobre a formação da personalidade autoritária (ver ADORNO, 1965), que tende a perseguir também os que fogem aos padrões morais estabelecidos. Se isso procede, não é o indivíduo favorável à plena liberdade sexual o que exerce a violência, mas aquele que tenta a todo custo conter seus impulsos, isto é, só aparentemente segue as regras, consciente ou inconscientemente tenta burlá-las. O indivíduo autoritário tem pouca autonomia, precisa

do reconhecimento dos outros de suas ações, força, virilidade, eficiência, que são valorizadas na atual sociedade; tem dificuldades de pensar além de clichês, o que por sua vez é fortalecido pela mentalidade do *ticket*, tal como definida por Horkheimer e Adorno (1985), que é fomentada culturalmente. A mentalidade do *ticket* diz respeito a um pensamento em bloco que associa diversas características de indivíduos, como se essa associação fosse necessária; assim, aquele que tem gestos afeminados é considerado homossexual, frágil, imoral, e o que apresenta fortes traços masculinos, heterossexualidade, virilidade, saúde; o pedófilo é associado com o agressor sexual, com a violência, quando essa relação não é necessária.

Se as vítimas da violência sexual podem satisfazer imaginariamente desejos de dominação daqueles que se julgam frágeis e devem ocultar, até de si mesmos, tal fragilidade, é de se esperar que as meninas sejam mais frequentemente vitimadas do que os meninos, dada a (des)consideração da cultura pelas pessoas do sexo feminino (claro, deve-se reconhecer o avanço no reconhecimento da igualdade entre os sexos, mas também que ainda há muito que se avançar). No que se refere à idade das vítimas, pode-se supor que os adolescentes sejam mais escolhidos do que as crianças, tendo em vista sua maior proximidade física com os adultos, que ainda devem ser objetos preferenciais para os agressores sexuais.

Quanto aos agressores, se a incorporação da cultura é fundamental para a diferenciação individual e se essa é importante para conter a violência, deve-se esperar que pessoas com mais recursos financeiros tenham mais possibilidade de adquiri-la, e, assim, serem menos violentos, ainda que não se deva esperar uma relação de causa e efeito entre as duas variáveis: nível socioeconômico e violência sexual; mesmo porque isso seria, já de partida, fortalecer preconceitos existentes.

Com o intuito de se verificar as hipóteses enunciadas nos parágrafos anteriores, serão analisados dados sobre a violência sexual coletados no município de São Paulo, dados esses que já foram publicados,

entre tantos outros dados, em Crochík e Fernandes (2011), mas que terão neste artigo uma análise e interpretação diferenciadas das desenvolvidas naquele trabalho.

## Método

De abril a agosto de 2010, uma equipe de pesquisadores<sup>2</sup> coletou dados sobre violência sexual no município de São Paulo para a elaboração do Diagnóstico Rápido Participativo, instrumento necessário para ali desenvolver o Programa de Ações Integradas e Referenciais de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-Juvenil no Território Brasileiro.<sup>3</sup>

Para essa coleta foram entrevistados, por meio de formulários elaborados pelo Pair,<sup>4</sup> vários agentes dessa área: conselheiros tutelares, coordenadores de serviços de proteção à criança e ao adolescente, delegada de polícia, integrantes de ONGs, diretores de escolas, coordenadores de órgão públicos. Além das entrevistas, a Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo e o Hospital Pérola Byington forneceram dados importantes. Por fim, outras colaborações foram obtidas nos sites de secretarias municipais.

Neste artigo, são apresentados somente alguns dados referentes aos tipos de violência sexual contra crianças e adolescentes, ao sexo e à idade das vítimas e sobre os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) de subprefeituras e distritos da cidade de São Paulo e sua relação com essa forma de violência.

Os IDHs utilizados foram retirados do texto *Desigualdade em São Paulo: o IDH*, que contém esses índices para os 96 distritos da cidade de São Paulo. Trata-se de trabalho publicado em 2002 e teve

---

2 Pertenceram a essa equipe: os professores Ednilton José Santa Rosa, José Leon Crochík e Ricardo Casco; as psicólogas Aline Mossmann Fernandes e Anna Lúcia Marques Turriani Siqueira, do Laboratório de Estudos sobre o Preconceito do Instituto de Psicologia da USP, e o professor Marcelo Moreira Neumann, da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

3 O financiamento desse trabalho foi proveniente da Fundação de Apoio e Desenvolvimento da Educação de Mato Grosso do Sul, vinculado à Universidade de Mato Grosso do Sul.

4 Ver: <pair.ledes.net>.

como base o Censo do ano 2000 do IBGE e informações da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade). Esse índice é calculado por meio de informações referentes à saúde, educação e rendimentos. Como os autores alertam, é um indicador pouco específico, que oculta distinções importantes, mas, ainda assim, possibilita comparações necessárias. Deve-se mencionar também que a discussão que pode promover não diz respeito diretamente à relativa aos conflitos entre classes sociais; é mais apropriada às análises sobre níveis socioeconômicos que, em boa medida, substituiu, indevidamente, a análise marxiana.

Abaixo, a classificação de IDH adotada aqui e naquele trabalho:

de 0 a 0,49	muito baixo
de 0,50 a 0,64	baixo
de 0,65 a 0,79	médio
de 0,80 a 1,00	alto

### **Análise e discussão dos resultados**

Segundo os dados do Infocidade, elaborado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano – Departamento de Estatística e Produção de Informações, a partir de dados da Fundação Seade e dos dados do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico (IBGE), a área do município de São Paulo é de 1.509 km<sup>2</sup>; a população projetada para 2010 foi 11.057.629 habitantes, com densidade de 7.327,79 hab/km<sup>2</sup> e taxa de crescimento 2000-2010 – 0,58.

Na tabela 1, encontram-se dados sobre a população projetada para 2010, a área, a densidade populacional de São Paulo por região e a média do IDH do ano 2000. O IDH, adaptado para os distritos, teve como base o censo do IBGE do ano 2000, e considerou as subprefeituras e os distritos que tinham à época da pesquisa um conselho tutelar.

**Tabela 1.** Expectativa de população projetada para 2010, área, densidade populacional e o IDH médio por região

Região	População	Área (km <sup>2</sup> )	Densidade populacional (hab/km <sup>2</sup> )	IDH	Classificação
<i>Centro</i>	346.512	26,20	13.225,65	0,50	Baixo
Leste	4.060.639	326,80	12.425,46	0,47	Muito Baixo
Norte	1.598.070	183,40	8.713,58	0,52	Baixo
Oeste	1.494.885	239,80	6.233,88	0,61	Baixo
Sul	3.557.523	732,80	4.854,70	0,51	Baixo
Município SP	11.057.629	1.509	7.327,79	0,52	Baixo

Fonte: Infocidade, IBGE/Censo 2000, Fundação Seade. Elaboração SDTS/PMSP e o texto Desigualdade em São Paulo: o IDH.

Conforme os dados da Tabela 1, o IDH das diversas regiões paulistas tende a ser considerado baixo – abaixo de 0,64 – e no caso da região leste, muito baixo. Isso pode parecer estranho para uma cidade considerada como a mais rica do país, mas os dados do trabalho feito pela prefeitura de São Paulo mostram que somente poucos dos 96 distritos da cidade têm IDH considerados médios (14) e altos (seis). Isso indica uma distribuição de renda bastante desigual na cidade, o que por si só é violento e não dissociado de todas as outras formas de violência.

As regiões mais populosas são a sul e a leste, mas é a região central a que tem maior densidade populacional. Se não se considerar a região central, verifica-se que quanto menor a população, maior o valor do IDH, o que é um indicador do que foi escrito sobre a distribuição de renda: uma parcela menor da população paulistana tem condições de educação, saúde e de renda melhores do que o restante da população e por isso mais condições de cuidar de sua saúde e de sua formação.

Foram obtidos, por meio do Informativo Criminal da Secretaria de Segurança Pública (Infocrim-SSP), dados sobre a frequência de Boletins de Ocorrência (BOs) registrados pelas delegacias policiais dos bairros paulistanos, sobre violência sexual contra crianças e adolescentes, no período de 2006 a maio de 2010. A tabela a seguir contém esses dados, discriminados em média e desvio padrão, por região.

**Tabela 2.** Número de distritos policiais, frequência de boletins de ocorrência de violência sexual contra menores de 18 anos, de 2006 a maio e 2010, média e desvio padrão por região

Região	Nº distritos policiais	Total de BOs por região	Média por distrito	Desvio padrão
Centro	7	365	52,14	10,82
Leste	34	3.615	106,32	60,53
Norte	13	1.600	123,08	61,78
Oeste	12	1.139	94,92	77,90
Sul	27	3.264	120,89	96,15
Total	93	9.983	99,47	61,44

Fonte: Infocrim-SSP.

Os dados da Tabela 2 revelam que há um maior número de BOs de violência sexual contra crianças e adolescentes nas regiões leste e sul da cidade; quando se considera a média por Distrito Policial, a região norte e a região sul têm o maior número, quando comparadas com as demais regiões; a região sul é a que tem maior desvio padrão, o que revela maior desigualdade entre seus distritos, na variável em questão.

A Tabela 3 traz os valores das correlações entre número de BOs de violência sexual contra crianças e adolescentes e o IDH dos distritos das delegacias de polícia por região.

**Tabela 3.** Correlações entre número de BOs e IDH médio dos distritos das delegacias de polícia por região

Região	Correlação entre número de BOs e IDH médio dos distritos das delegacias de polícia por região
Centro	-0,35
Leste	-0,69**
Norte	-0,36
Oeste	-0,70*
Sul	-0,64**
Todas DPS	-0,59**

Fonte: Infocrim-SSP.

\* $p < 0,05$  e \*\* $p < 0,01$

As correlações negativas obtidas entre as duas variáveis, segundo a tabela acima, foram significantes ao nível de 0,01 para as regiões leste, sul e para todos os distritos considerados em conjunto, e ao nível de significância de 0,05 para a região oeste, mas não o foram para a região norte e para a região central; isso significa que quanto melhores as condições relacionadas à saúde, à educação e à renda, menor é a incidência de BOs de violência sexual contra crianças e adolescentes e vice-versa, nas regiões que apresentaram correlações significantes entre as duas variáveis; isso indica que condições de vida mais dignas tendem a ser contrárias a essa forma de violência.

Cabe lembrar, no entanto, que BOs se referem a denúncias que não foram confirmadas e que nessa área – violência sexual contra crianças e adolescentes – os dados são subestimados; além disso, como os valores de correlação obtidos foram de magnitude intermediária, essa relação não é plena: há distritos, em que o IDH e o número de BOs podem ser altos; em outros, ambos podem ser baixos. As condições avaliadas pelo IDH não são causa suficiente do número de BOs sobre

esse tipo de violência, mas não deixam de ser fator importante, a ser considerado no seu enfrentamento. A melhoria nas condições de vida, representadas por acesso à saúde, educação e renda adequada é fundamental, mas, salientamos, não é o único determinante; fatores culturais e psicológicos podem também determiná-la, ainda que entendamos que sejam dependentes das condições socioeconômicas, mesmo que de forma não imediata.

Nas entrevistas com os conselheiros tutelares, foram obtidos dados sobre o local de ocorrência da violência sexual e o local da origem das vítimas por tipo de violência: intrafamiliar, extrafamiliar e exploração sexual. Deve-se mencionar que foram entrevistados dez conselheiros tutelares e que nem todos recordaram-se das informações; por isso, a tabela a seguir apresenta dados que foram lembrados espontaneamente, o que significa que não se pôde considerar todos os lugares nos quais esses tipos de violência ocorrem.

A Tabela 4 apresenta o IDH médio dos locais mais frequentes, por tipo de violência, dos locais onde a violência ocorreu e dos locais da origem das vítimas.

**Tabela 4.** Tipos de violência, IDH médio dos distritos de maior ocorrência da violência sexual contra crianças e adolescentes e dos distritos da origem das vítimas, segundo os conselheiros tutelares entrevistados

Tipo de violência	IDH médio dos distritos mais frequentes das ocorrências	IDH médio dos distritos de origem da vítima
Intrafamiliar	0,50	0,47
Extrafamiliar	0,52	0,47
Exploração sexual	0,73	0,45

Conforme os dados da Tabela 4, pode-se observar que os tipos de violência intrafamiliar e extrafamiliar, segundo a lembrança dos entrevistados, ocorrem em bairros com baixos Índices de Desenvolvimento Humano, o mesmo ocorrendo com o lugar de origem das vítimas. Ao que parece, nesses casos, o lugar de origem e o da ocorrência coincidem em boa parte das vezes. O mesmo não pode ser afirmado em relação à exploração sexual de crianças e adolescentes; nesta, o local de origem das vítimas tende a apresentar baixos IDHs e os locais de ocorrência da violência, IDHs mais elevados, o que indicaria uma forma de violência entre as classes sociais mais pobres e mais ricas.

Em outras palavras, as formas de violências intra e extrafamiliares ocorreriam em distritos com IDHs mais baixos; já a exploração sexual, nos distritos com IDHs mais elevados e distintos daqueles da origem das vítimas. Cabe salientar que a exploração sexual tem a mediação de outras pessoas que lucram com essa exploração, ao passo que as outras formas de violência parecem dispensar intermediários (ver LEAL; LEAL, 2002). Deve-se, no entanto, voltar a enfatizar o dito antes: as condições socioeconômicas não são o único fator determinante e caberiam novos estudos que, com métodos específicos, pudessem demonstrar de forma mais detalhada essa relação. Os dados expostos não consideram a proporção de pobres e ricos quanto a esse tipo de violência em relação à população, pois se referem à frequência bruta.

Para refletir esses dados, também convém lembrar que alguns conselheiros mencionaram que: 1) as pessoas que têm melhores condições financeiras tendem a não procurar os Conselhos Tutelares para resolver seus problemas; e, 2) quando há alguma denúncia contra pessoas de boas condições financeiras, é difícil para os conselheiros investigá-las, pois são impedidos de chegar até elas. Por isso, como afirmado antes, não cabe associar a violência sexual contra crianças e adolescentes unicamente com pessoas de condições financeiras mais precárias; além disso, cabe ressaltar que o fato de regiões nobres de São Paulo estarem associadas à exploração sexual de crianças e de jovens e que essas resi-

dem em regiões mais pobres indica que é um fenômeno que expressa a subjugação de uma classe social por outra.

A seguir serão apresentados os dados do Infocrim-SSP em relação à faixa etária das vítimas e aos tipos de violência mais frequentes.

**Tabela 5.** Frequência de BOs relativos à violência sexual contra crianças e adolescentes, por faixa etária e pelos tipos de violência mais frequentes

Tipos de violência sexual	0-6 anos	7-12 anos	13-17anos	Total
Atentado ao pudor	1.493	1.976	922	4.391
Estupro	898	1.419	1.720	4.037
Total	2.391	3.395	2.642	8.428

Fonte: Infocrim-SSP

Segundo os dados da Tabela 5, nas faixas etárias de zero a seis anos e de sete a 12 anos há maior ocorrência de violência sexual do tipo 'atentado ao pudor', enquanto o maior número de BOs referentes ao estupro encontra-se na faixa etária de 13 a 17 anos; de fato, o valor do Qui-Quadrado calculado ( $X^2=466,43$ , 2g.l.,  $p<0,01$ ) mostra haver relação significativa entre ambas as variáveis. Há de se realçar também que o número de registros de ocorrências na faixa etária de zero a seis anos não é pequeno, correspondendo a 28% do total.

O fato de a incidência do estupro ser maior entre os adolescentes talvez seja explicado pela ambiguidade que representam: ainda não são adultos, mas são próximos a eles, sobretudo corporalmente; adultos esses que ainda devem ser o objeto de desejo dos agressores; deve-se lembrar que o agressor sexual não é necessariamente pedófilo e que esse último não é necessariamente um agressor (ver LIBÓRIO; CASTRO, 2010). Complementando essa hipótese, Adorno (1969) pergunta se a

homogeneização dos papéis de ambos os sexos nos últimos tempos não os leva a se igualar e assim a sexualidade diferenciada ainda se encontraria nos jovens, mais do que nos adultos; isso explicaria, segundo esse autor, o porquê de romances como *Lolita*, de Nabokov, fazerem sucesso.

A Tabela 6 traz os dados do Infocrim-SSP em relação ao sexo da vítima da violência sexual de crianças e adolescentes atingidos pelas formas de violência mais frequentes.

**Tabela 6.** Frequência de BOs relativos à violência sexual contra crianças e adolescentes, por sexo e tipos de violência mais frequentes

Tipos de violência sexual	Feminino	Masculino	Sem registro	Total
Atentado ao pudor	3.079	1.120	192	4.391
Estupro	3.448	432	157	4.037
Total	6.527	1.552	349	8.428

Fonte: Infocrim-SSP

Segundo os dados da tabela acima, a maior parte das vítimas da violência sexual, de acordo com os BOs, em menores de 18 anos, ocorre com o sexo feminino (77%) e isso acontece nas duas categorias de violência mais frequentes. Cabe notar também que se a frequência de queixas de atentado ao pudor é quase três vezes maior para as meninas do que para os meninos, o estupro é pouco mais de oito vezes maior para as meninas; os resultados do cálculo do Qui-quadrado ( $X^2=313,74$ , 1g.l<sup>5</sup>,  $p<0,01$ ) mostram que a relação entre essas duas variáveis é significativa. Proporcionalmente, o estupro ocorre mais com as meninas e o atentado ao pudor com os meninos.

5 A coluna 'sem registro' não foi considerada para esse cálculo.

Se associarmos este resultado com o exposto na Tabela 5 em relação à faixa etária, poderemos inferir, quando esse dado é comparado ao atentado ao pudor que é mais direcionado às crianças e proporcionalmente aos meninos, que meninas adolescentes são frequentemente mais alvo de estupro do que meninos e crianças, o que fortalece a suposição anterior: quanto mais a vítima se aproxima do objeto sexual esperado para os homens, que são mais denunciados como agressores sexuais, maior é a probabilidade de sofrer estupro.

Para concluir este artigo, cabe considerar que a não observância das proibições legais e dos tabus sociais contrários à violência sexual contra crianças e adolescentes mostra um impulso de domínio sobre os mais frágeis, impulso esse que não pode ser pensado sem o incentivo cultural dado à força, à submissão dos mais frágeis, que são comumente desprezados, tal como ocorre em geral com as vítimas dos preconceitos (ver ADORNO, 1995). A desconsideração pelos sentimentos dos outros pode ser entendida por uma formação (ou falta dela) que nos leva a buscar, sobretudo, nossa autoconservação, a sermos práticos, a não desenvolvermos nenhum conceito que exija ir além do momento imediato, que envolva a imaginação e o pensamento digno do nome. A violência sexual pode também, em alguns casos, resultar de compulsão, o que do ponto de vista sociológico pode ser pensada pelo nivelamento dos diversos indivíduos, por meio da ideologia estética e da saúde que torna todos os corpos semelhantes e, assim, se relacionar com um ou com vários não faz muita diferença; quando isso ocorre, o objeto sexual importa menos do que o desejo compulsivo.

Para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes, segundo os resultados e a discussão teórica apresentados neste texto, deve-se continuar a lutar contra a desigualdade social, para que todos possam ter direito à saúde e à educação de boa qualidade, para isso, o aumento da renda individual é fundamental; dever-se-ia também se fazer a crítica à valorização do mais forte, do mais viril e à desvalorização do mais frágil, do mais ‘incapaz’. A formação sugerida não

se restringe à educação escolar, embora essa seja essencial, e deveria se dirigir para a formação de uma sensibilidade contrária a todo tipo de violência. Dever-se-ia também retomar a discussão e a defesa da liberdade sexual, calcada em indivíduos autônomos.

Se em todas as formas de discriminação social, o preconceito está presente, na violência sexual contra crianças e adolescentes, o desprezo pela vontade e pelo direito de serem protegidos da violência, pode guardar o preconceito que crianças e adolescentes não importam e não têm vontade própria. Se Freud mostrou a importância do desenvolvimento da sexualidade já presente nas crianças como a base de vida digna de ser vivida e fez a crítica à moral sexual conservadora, a violência sexual contra a criança e o adolescente atua como essa moral sexual conservadora: dificulta, não necessariamente impede, uma vida digna de ser vivida; não tende a libertar a sexualidade, por sua vez, não dissociável de uma sociedade livre, mas a danificá-la, assim, não se contrapõe aos tabus sexuais, antes os fortalece.

## Referências

ADORNO, T. W. Los tabus sexuales y el derecho hoy. In: ADORNO, T. W. *Intervenciones: nueve modelos de crítica* (R. J. Vernengo, trad.). Caracas: Monte Ávila, 1969, p.91-115.

\_\_\_\_\_. *Educação e Emancipação* (W. L. Maar, trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. Teoría de la pseudocultura. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sociológicos I*, obra completa. 8 (A. G. Ruiz, trad.). Madri: Akal, S. A. P., 2004, p. 39-78.

ADORNO, T. W.; FRENKEL-BRUNSWIK, E.; LEVINSON, D. J.; SANFORD, R. N. (eds.). *La personalidad autoritaria* (D. Cimpler & A. Cymler, Trad.). Buenos Aires, Argentina: Proyéccion, 1965. (trabalho original publicado em 1950)

CROCHÍK, J. L.; FERNANDES, A. M. (org.) *Violência sexual contra crianças e adolescentes na cidade de São Paulo*. 1. ed. Campo Grande: UFMS, 2011.

FREUD, S. *La moral sexual cultural y la nerviosidad moderna*. Buenos Aires: Americana, 1943, p. 31-55 (Obras completas de Freud).

\_\_\_\_\_. El malestar en la cultura. In: Braustein, N. A. (org.). *A medio siglo de el malestar en la cultura de Sigmund Freud*. (J. L. Etcheverry, trad.) México: Siglo Veintiuno, 1986, p. 22-116. (Trabalho original publicado em 1930)

\_\_\_\_\_. Psicología de las masas y análisis del yo. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*, v. 18, 5. reimp. (J. L. Etcheverry, trad.). Argentina: Amorrortu ed., 1993, p. 63-136. (Trabalho original publicado em 1921)

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento*. 2. ed. (G. de Almeida, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LEAL, M. L. P.; LEAL, M. F. P. *Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial no Brasil*. Brasília: PeStraf/ Cecria, 2002.

LIBÓRIO, R. M. C.; CASTRO, B. M. Abuso, exploração sexual e pedofilia: as intrincadas relações entre os conceitos e o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes. In: UNGARETTI, Maria America (org.). *Criança e adolescente: direitos, sexualidade e reprodução*. São Paulo: Associação Brasileira dos Magistrados, Promotores de Justiça e Defensores Públicos da Infância e da Juventude (ABMP), 2010, v. 1, p. 19-41.

MARCUSE, H. *Ideologia da sociedade industrial* (G. Rebuá, trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_. A nova mentalidade alemã. In: \_\_\_\_\_. *Tecnologia, guerra e fascismo* (M. C. V. Borba, trad.). São Paulo: Unesp, 1999, p. 193-255.

SDTS. Secretaria Municipal do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade da Prefeitura de São Paulo. *Desigualdade em São Paulo: o IDH*, 2002.